# Ubatã, o menino-índio

Eliana Martins



EDITORA RIDEEL

Eliana Martins



# Ubatã, o menino-índio



EDITORA RIDEEL

1ª EDIÇÃO

**EXPEDIENTE**

| | |
|---|---|
| Presidente e editor | **Italo Amadio** |
| Diretora editorial | **Katia F. Amadio** |
| Editora-assistente | **Ana Paula Ribeiro** |
| Assistente editorial | **Renata Aoto** |
| Revisão | **Fabiana Giacometti** |
| | **Renata Aoto** |
| Projeto gráfico | **Sergio A. Pereira** |
| Diagramação | **Reverson R. Diniz** |
| Ilustrações | **Sandra Lavandeira** |

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Martins, Eliana
Ubatã, o menino-índio / Eliana Martins; ilustrações de Sandra Lavandeira. – São Paulo : Rideel, 2014.

ISBN 978-85-339-3107-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Lavandeira, Sandra

14-0186 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

© 2014 - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
CEP 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.editorarideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica,
total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2
0 4 1 4

Ele precisava ser rápido.

Airumã não aguentaria
por muito tempo.

Só uma fruta. Uma só
poderia salvá-lo.





Ubatã era menino-índio. Valente e forte como seu nome queria dizer: madeira forte. Sonhava ser como o pai, Airumã, grande guerreiro e chefe da tribo. Com ele, aprendia a caçar e a pescar.



Quando saíam para pescar, Ubatã não reparava se iam rio abaixo ou se o pai remava rio acima. O importante era estarem juntos, era saber que a presença firme dele, na canoa, atrairia muitos peixes.

Airumã tinha dito ao filho que, quando fosse adulto, ele receberia seu cocar de penas coloridas e seu arco.



A mata fechada que rodeava a aldeia era como a mãe da tribo. Dava as frutas e a caça com que se alimentavam; as raízes com que o pajé preparava os chás e remédios; a palha, o cipó, a madeira e o barro com que construíam suas ocas, canoas e tantas outras coisas. Mas também dava as cobras venenosas.

Foi assim, picado por uma cobra, que Airumã chegou à aldeia naquela tarde. Perna inchada, vermelha como fogo.

Os índios acudiram. O pajé logo levou o índio-chefe para sua oca. Espremeu o veneno, fez orações e cantou músicas pedindo ajuda para o deus Tupã.

O indiozinho Ubatã e sua mãe, Araci, também se juntaram às orações e aos cantos. Porém, a febre alta chegou. Airumã gemia, aflito. O grande e valente chefe da tribo lutava contra aquela picada de cobra que queria levar sua vida.

Para tudo no mundo tem um jeito, pensou Ubatã. Era assim que seu pai falava.

O menino-índio nunca tinha visto a dor, mas sabia que ela existia. Nunca tinha entendido o medo, mas, de certo, era o que estava sentindo naquela hora.



O pajé saiu de sua oca e juntou todos os índios da aldeia.

– Só uma coisa pode salvar Airumã – ele disse. – Um açaí. Mas não é qualquer açaí. Tem de ser colhido da Árvore Encantada de Todos os Frutos.

A tribo se espantou. Todos os índios sabiam que existia só uma árvore daquela, e ficava do outro lado do rio. Rio de correnteza forte.

Muitos índios morreram lá, na época da cheia. Porém, o pior de tudo é que um único índio, dentre todas as tribos, podia colher frutos da Árvore Encantada de Todos os Frutos: o grande chefe Macunaíma.

– Quem vai enfrentar o rio, encontrar Macunaíma e trazer o açaí que salvará a vida do nosso cacique? – perguntou o pajé.

Muitos índios se ofereceram. Mas, lá do fundo da oca, onde estava Airumã, uma voz de menino se ouviu:

– Quem vai sou eu.  Airumã é meu pai, meu guia, meu cacique.

Araci apertou as mãos do filho. Ele era ainda uma criança. Como podia deixá-lo ir, enfrentar a correnteza do rio? E se não encontrasse Macunaíma para pedir o fruto?

Mas o pajé acalmou o coração dela.

– Cada dia é um novo dia, Araci. Deixe Ubatã partir. Ele voltará com o açaí!



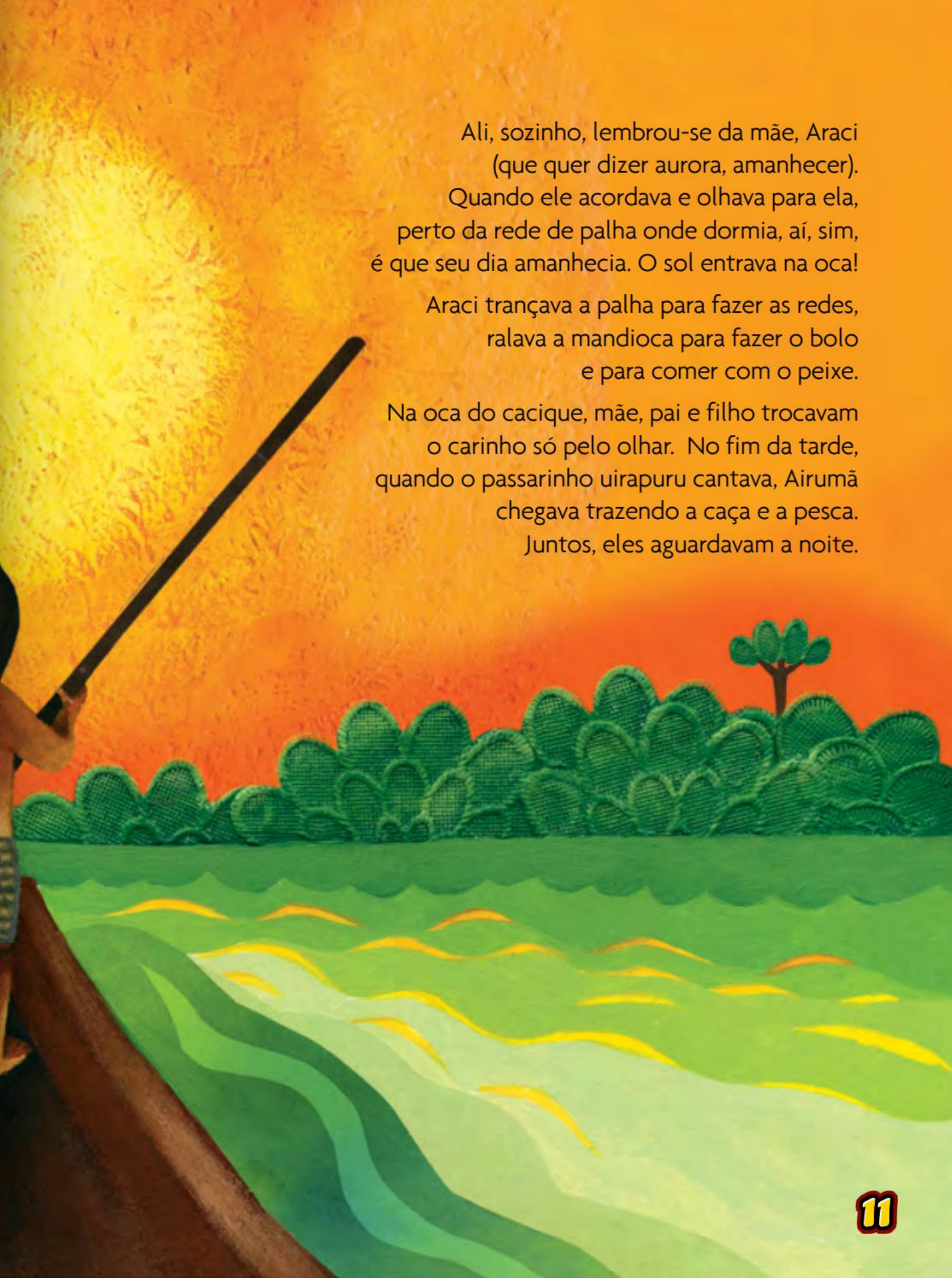


O rio era tão largo que o olhar de Ubatã não alcançava a outra margem, mas ele tinha certeza de que ela existia e que, em breve, atracaria a canoa e encontraria a árvore encantada.

E assim as águas trêmulas do rio receberam a canoa daquele menino-índio corajoso.

Ele remava do jeito que aprendeu com o pai: partindo as águas em dois pedaços, pedindo passagem com os remos.

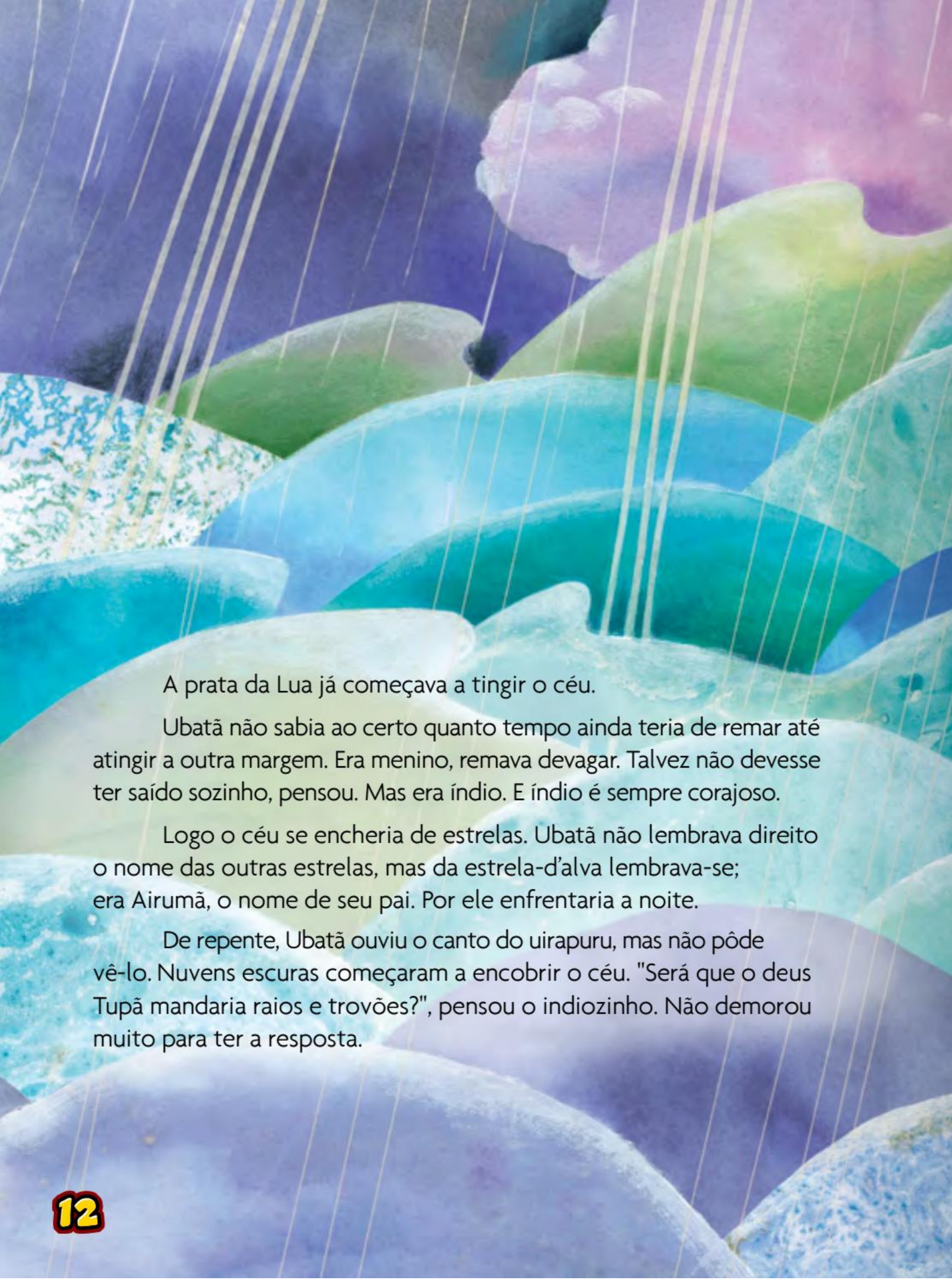




Ali, sozinho, lembrou-se da mãe, Araci
(que quer dizer aurora, amanhecer).
Quando ele acordava e olhava para ela,
perto da rede de palha onde dormia, aí, sim,
é que seu dia amanhecia. O sol entrava na oca!

Araci trançava a palha para fazer as redes,
ralava a mandioca para fazer o bolo
e para comer com o peixe.

Na oca do cacique, mãe, pai e filho trocavam
o carinho só pelo olhar. No fim da tarde,
quando o passarinho uirapuru cantava, Airumã
chegava trazendo a caça e a pesca.
Juntos, eles aguardavam a noite.

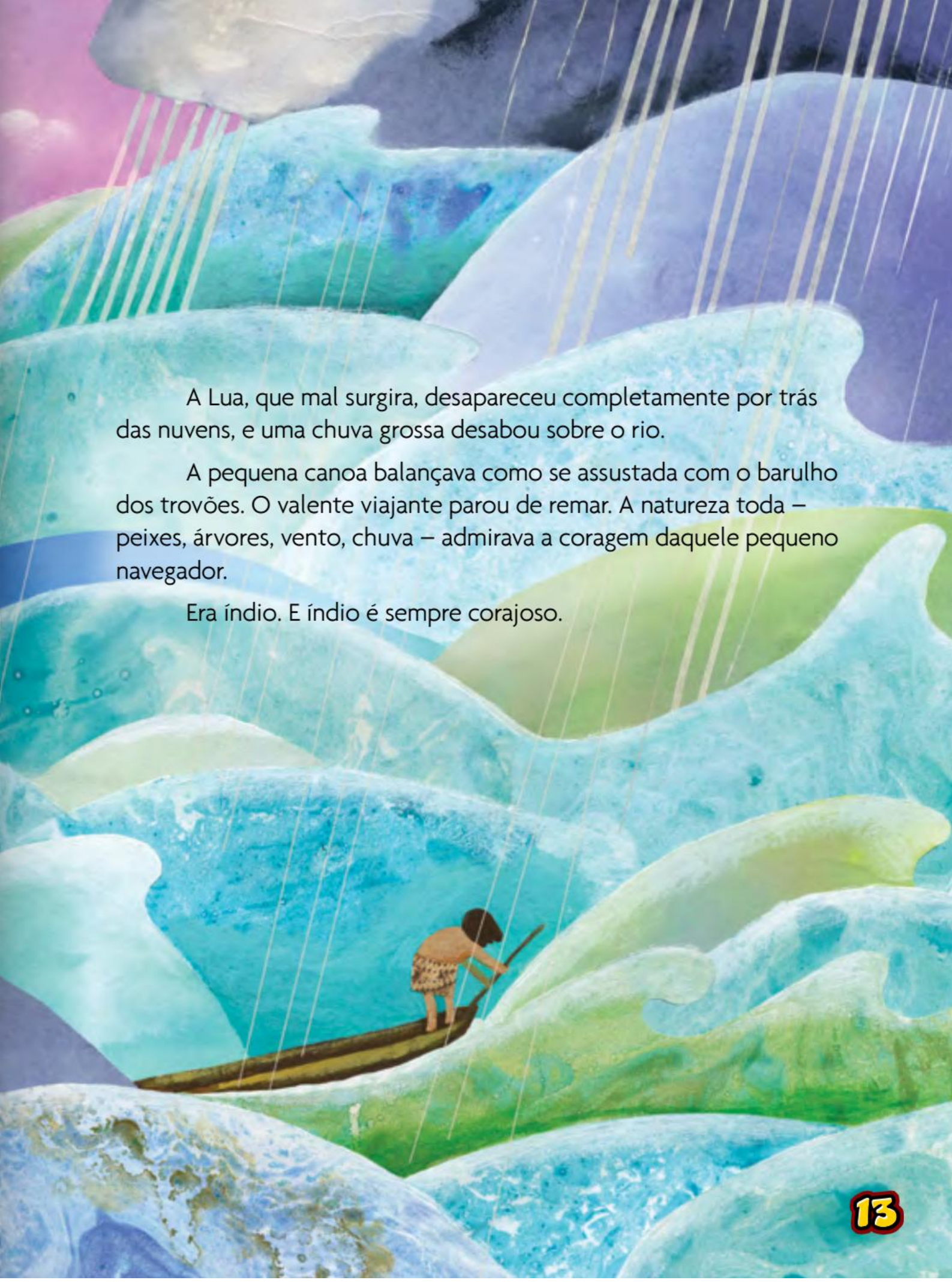


A prata da Lua já começava a tingir o céu.

Ubatã não sabia ao certo quanto tempo ainda teria de remar até atingir a outra margem. Era menino, remava devagar. Talvez não devesse ter saído sozinho, pensou. Mas era índio. E índio é sempre corajoso.

Logo o céu se encheria de estrelas. Ubatã não lembrava direito o nome das outras estrelas, mas da estrela-d'alva lembrava-se; era Airumã, o nome de seu pai. Por ele enfrentaria a noite.

De repente, Ubatã ouviu o canto do uirapuru, mas não pôde vê-lo. Nuvens escuras começaram a encobrir o céu. "Será que o deus Tupã mandaria raios e trovões?", pensou o indiozinho. Não demorou muito para ter a resposta.



A Lua, que mal surgira, desapareceu completamente por trás das nuvens, e uma chuva grossa desabou sobre o rio.

A pequena canoa balançava como se assustada com o barulho dos trovões. O valente viajante parou de remar. A natureza toda – peixes, árvores, vento, chuva – admirava a coragem daquele pequeno navegador.

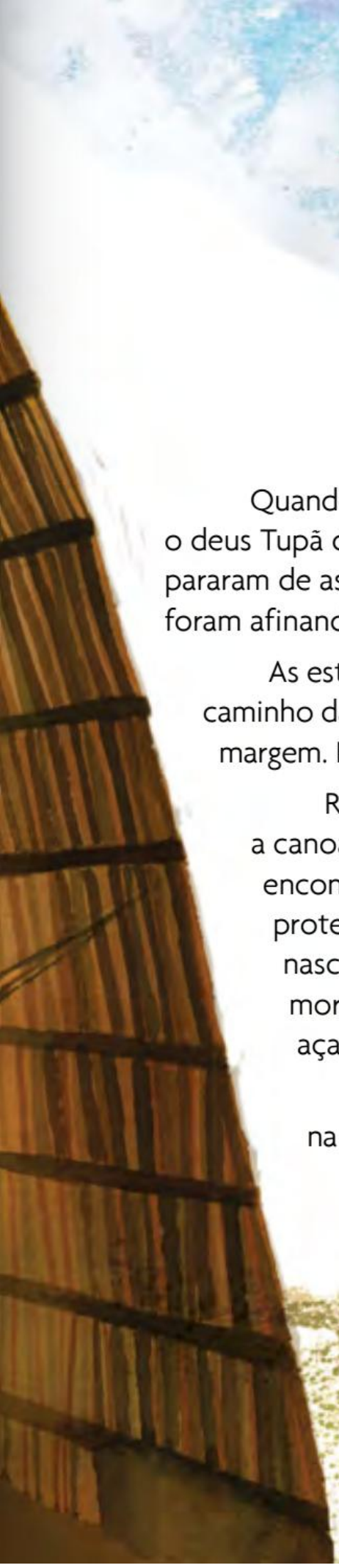
Era índio. E índio é sempre corajoso.



Enquanto o filho lutava contra a tempestade,
o pai lutava contra a morte.

A febre alta fazia aquele homem forte,
aquele cacique valente, tremer.

Araci e o pajé não saíam do lado da esteira de Airumã,
dando força e coragem a ele. Seu pequeno menino-índio
não tardaria a chegar com o açaí colhido da Árvore Encantada
de Todos os Frutos. O chefe da tribo precisava esperar.



Quando a canoa de Ubatã já se enchia de água, parece que o deus Tupã compreendeu seu sofrimento. Os raios e trovões pararam de assustar as águas do rio, e os pingos grossos de chuva foram afinando, mais e mais, até pararem de cair.

As estrelas e a Lua saíram de trás das nuvens, clareando o caminho da canoa. Em pouco tempo, Ubatã enxergou a outra margem. Estava salvo.

Remando com cuidado, o pequeno índio atracou a canoa, amarrando-a a uma árvore. Agora, precisava encontrar o índio Macunaíma, senhor daquelas matas e protetor da Árvore Encantada de Todos os Frutos, de onde nasciam bananas, abacaxis, tucumãs, caquis, maçãs, peras, morangos, laranjas e todas as frutas do mundo. E também açaís: o doce fruto que salvaria seu pai.

Sob a luz da Lua, Ubatã, sem medo, embrenhou-se na mata.

– Qual é seu nome? – perguntou uma árvore.

– Ubatã.

– De onde você vem? – quis saber uma coruja.

– De minha aldeia, do outro lado do rio.

Os vaga-lumes ofereceram-se para clarear mais o caminho do indiozinho até a aldeia de Macunaíma.

O destemido índio, filho do Sol e da Lua, recebeu Ubatã com desconfiança.



– Que faz menino-índio, assim, sozinho na mata, quando a noite já cobriu o céu?

– Venho pedir um açaí da Árvore Encantada de Todos os Frutos, Macunaíma.

O índio afagou os cabelos de Ubatã.

– Para que quer o fruto?

Então, o indiozinho contou sobre a picada de cobra que queria roubar a vida de seu pai.

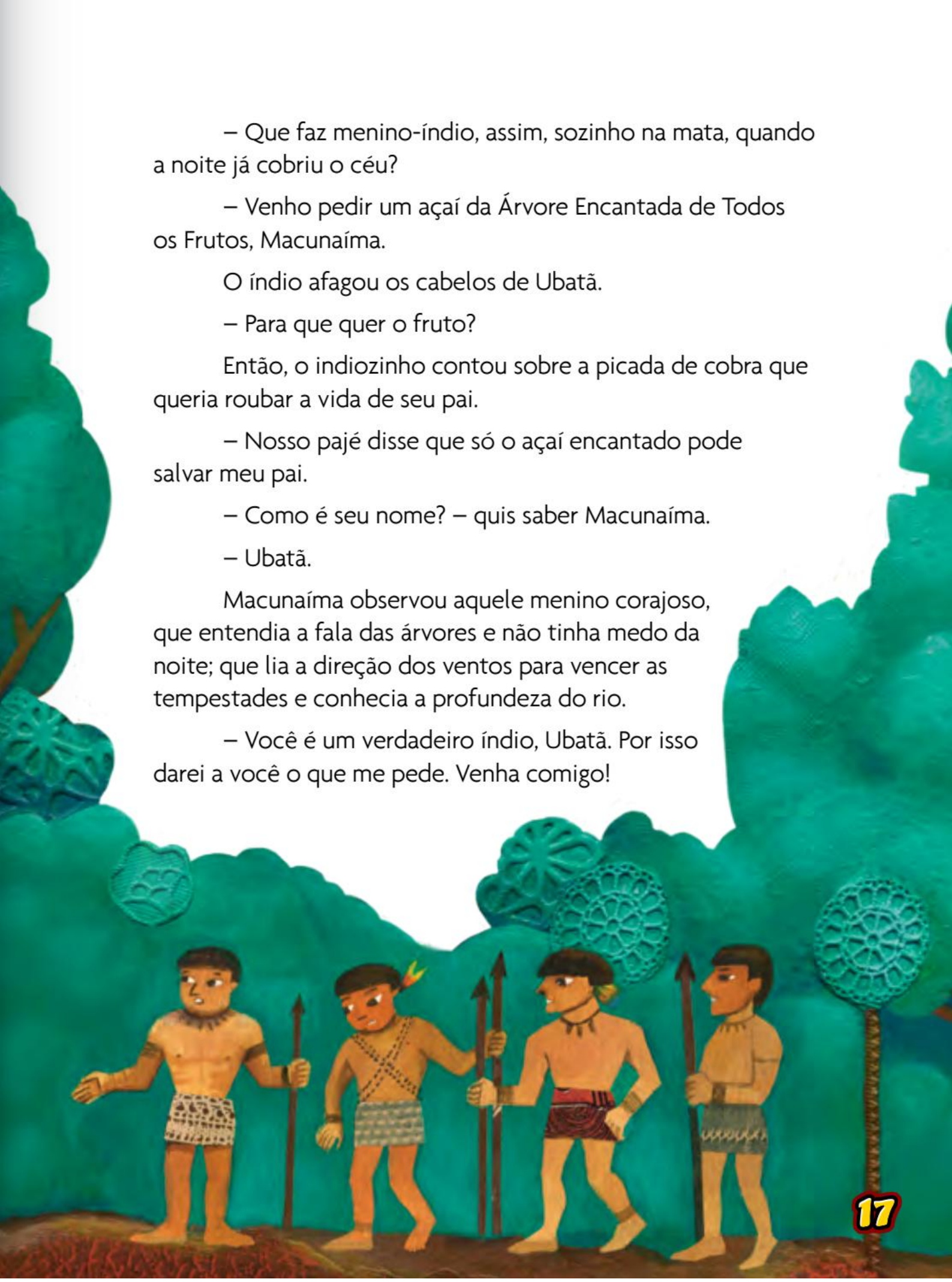
– Nosso pajé disse que só o açaí encantado pode salvar meu pai.

– Como é seu nome? – quis saber Macunaíma.

– Ubatã.

Macunaíma observou aquele menino corajoso, que entendia a fala das árvores e não tinha medo da noite; que lia a direção dos ventos para vencer as tempestades e conhecia a profundeza do rio.

– Você é um verdadeiro índio, Ubatã. Por isso darei a você o que me pede. Venha comigo!



Seguindo o grande guerreiro, o indiozinho voltou para a mata até chegarem a uma enorme clareira, onde uma imensa árvore, carregada de todas as frutas que existiam, reinava majestosa.

Os olhos de menino de Ubatã se encantaram. Vontade de comer uma fruta de cada espécie não lhe faltou. Porém, precisava ser rápido... O veneno da cobra não podia vencer seu pai.

Macunaíma colheu o maior e mais bonito açaí da árvore e disse:

– Leve, Ubatã! Que esta fruta cure seu pai.

O menino-índio agradeceu ao grande chefe, escondeu a fruta em uma bolsinha trançada de palha, que levava pendurada ao pescoço, e seguiu caminho, de volta ao rio.

A canoa, a Lua e as estrelas ainda esperavam por ele.

"Canoa, rio, estrela, Sol, Lua, nuvens, árvores, passarinhos, todos eram amigos dos índios. Como era bom ser índio! Pescar, caçar, tecer, plantar, colher", ia pensando Ubatã, enquanto seus remos, novamente, partiam o rio em dois.

À medida que assim pensava, ganhava a outra margem e a certeza de que salvaria a vida do pai.





Airumã já perdia as forças. As rezas e os cantos tinham se transformado em choro dos índios.

Araci apertava a mão do marido, tentando passar sua força para ele.

O pajé fazia a dança da vida, tentando afastar a morte. Mas... Sempre depois da noite vem o dia! E foi quando a Lua já ia desaparecendo no céu que Ubatã chegou de volta à aldeia, trazendo o precioso açaí.

Araci abraçou o filho com muito amor. O pajé logo tratou de espremer o suco daquela fruta encantada nos lábios de Airumã, recomeçando as rezas e a dança da vida.

Ubatã e a mãe apertavam a mão do valente cacique Airumã.

Mais de uma hora havia se passado, quando ele disse, com muita dificuldade:

– U-ba-tã...

Os olhos do indiozinho brilharam de felicidade.

– Pai!

O pajé aproximou-se e contou para Airumã que sua vida tinha voltado graças à coragem de Ubatã.



Uma grande festa foi preparada para comemorarem a vida do cacique.

Airumã e Araci não cansavam de admirar o filho, menino-índio tão valente.

– Ah! Meu filho, como me orgulho de você! Admiro sua coragem de enfrentar a noite e a tempestade para salvar minha vida – disse Airumã.

– Sou seu filho, pai; você me ensinou a ser corajoso. E também sou índio! E índio é sempre corajoso.

Muitas luas se passaram até Ubatã se tornar adulto. E foi num outro dia de muita festa, ao som dos chocalhos e cantos dos índios da aldeia, que ele recebeu o cocar e o arco de Airumã, tornando-se, então, o cacique da tribo.





Arquivo pessoal



## Eliana Martins

Desde criança, adoro ler. Viajar por mundos encantados, enfrentar dragões e bruxas malvadas. Talvez por isso tenha me tornado escritora, publicado mais de sessenta livros, por várias editoras, e ganhado prêmios.

Porém, apesar de ter lido e publicado muitos livros, não sei ler o céu estrelado nem entender o som do vento, como sabem os índios.

Escrevi várias peças de teatro para crianças e roteiros para televisão, mas não sei ler as horas pela posição do Sol ou da Lua, como sabem os índios.

Sou mãe de quatro filhos e avó de vários netos, mas talvez não tivesse coragem de enfrentar a noite e a correnteza do rio, como fez Ubatã. Porque ele é índio, e índio é sempre corajoso!

Arquivo pessoal



**Sandra Lavandeira** Nasci em Buenos Aires, na Argentina. Sempre desenhei. Estudei na Escola de Belas Artes, mas quem me orientou para que eu me tornasse ilustradora de livros infantis foi Alberto Breccia, um grande criador de histórias em quadrinhos. Com ele aprendi o mais importante: o trabalho tem de ser feito com amor. Já ilustrei muitos livros infantis para editoras de vários países, como: Argentina, Brasil, EUA, México, Colômbia, Equador, Chile e Nicarágua. Adoro desenhar e passear com minha família! Há pouco mais de dois anos moro em Arraial d'Ajuda, na Bahia.





Eliana Martins

# Ubatã, o menino-índio

A história de *Ubatã, o menino-índio* surgiu da grande preocupação que temos atualmente com o meio ambiente.

Quem melhor que um menino-índio, que respeita a natureza e entende os animais, para mostrar essa importância?

Que a mensagem de Ubatã, transmitida por sua história de coragem e perseverança, possa despertar o guerreiro que há em cada um de nós.



EM CONFORMIDADE COM O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

EDITORA RIDEEL
Quem tem Rideel tem mais.
www.editorarideel.com.br
sac@rideel.com.br

ISBN: 978853393107-7

Capa: Reverson R. Diniz
Ilustração: Sandra Lavandeira